

FORMAÇÃO DE PROFESSORAS NA ESCOLA: ESPAÇO DE DIÁLOGO E ENCONTRO?

Laura Noemi Chaluhⁱ (UNESP – Univ Estadual Paulista, Rio Claro).

EIXO 1: Formação inicial e continuada de professores para a educação básica.

Auxílio financeiro: CNPq, PROGRAD (Núcleo de Ensino) e PROPe (Primeiros Projetos).

Introdução

Neste trabalho resgato a importância de estabelecer parcerias entre a escola e a universidade. Nesse sentido, apresento parte do projeto de pesquisa (em andamento), desenvolvido junto com um grupo de professoras e a equipe de gestão de uma escola de ensino fundamental da Prefeitura de Rio Claro-SP. O projeto objetiva compreender os processos formativos que acontecem na escola, na busca pela promoção do trabalho coletivo (CHALUH, 2008) que leve os sujeitos que desse grupo participam a exporem suas práticas pedagógicas para, a partir delas, refletir sobre as concepções que embasam a organização do trabalho pedagógico na escola. Nesse sentido, participo nos encontros de formação instituídos na escola, o Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo (HTPC).

Minha concepção de “fazer pesquisa *na e com* a escola” (CHALUH, 2008), implica colaborar, participar, intervir, ou seja, estabelecer uma parceria com a escola. A perspectiva de pesquisar *na e com* a escola tem como base/sustento uma trilogia “pesquisa-alteridade-formação”. Isto foi possível ao assumir uma pesquisa qualitativa de orientação sócio-histórica que acredita que tanto sujeitos da pesquisa como pesquisadores, no encontro, ressignificam-se, aprendendo juntos (BAKHTIN, 2003; FREITAS, 2003; AMORIM, 2004). Assim, “fazer pesquisa *na e com* a escola” implica assumir um compromisso com a escola pública, com a formação dos professores e, como consequência, com a educação dos alunos. Construir e desenvolver uma pesquisa a partir de uma perspectiva dialógica deixa em evidência o papel central que assume a interação entre os sujeitos que dela participam. Os caminhos investigativos percorridos ao *viver* a escola, fizeram-me compreender que “é nos *acontecimentos* que o nosso objeto de estudo vai se construindo. Assim, a pesquisa surge a partir do que a *vida* na escola nos vai indicando. Desenvolver uma pesquisa no espaço da escola implica aceitar ir ao encontro dos *acontecimentos*” (CHALUH, 2008, p. 261).

No presente trabalho, socializo as vozes das professoras da escola, para nelas encontrar pistas (GINZBURG, 1989) que indiquem qual o valor do HTPC

como espaço de formação com os pares e para problematizar em que medida esse espaço instituído possibilita “o encontro com o *outro*”. Também problematizo qual o compromisso dos pesquisadores ao entrar na escola para pesquisar, quais as possibilidades e os riscos...

Os encontros de HTPC

A dinâmica dos encontros envolveu: socialização e discussão de um texto que serve como provocador para estabelecer relações com os acontecimentos *vividos* no cotidiano escolar; socialização de relatos de práticas das professoras. Os textos lidos trouxeram discussões relacionadas com: professor reflexivo, o currículo (fragmentação, interdisciplinaridade, conhecimento/saberes legitimados e não legitimados pela escola), a escola e sua constituição histórica; o sentido da escrita na escola e a produção de conhecimento por parte dos alunos e das professoras, a discussão acerca do Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, a perspectiva freinetiana sob o olhar e a experiência de uma professora que desenvolveu seu trabalho numa escola que segue a linha de Freinet; os gêneros textuais e a construção de um planejamento vertical e horizontal da escola em relação à essa temática. Existe um caderno coletivo onde é feito o registro de cada encontro por um dos participantes (segundo um rodízio estabelecido), na busca por exercitar e valorizar a importância da escrita como processo de reflexão.

No final do primeiro semestre de 2010, solicitei para as professoras e a equipe de gestão, uma avaliação escrita acerca dos encontros do HTPC, essa escrita foi elaborada no encontro e foi nesse dia que as professoras e eu socializamos o conteúdo das mesmas. As vozes das professorasⁱⁱ enfatizam a importância das propostas feitas no espaço de HTPC. Apresento essas escritas:

Francisca

As leituras sobre os artigos foram bem questionados, acho interessante a troca de ideias entre as professoras, é possível, notar as diferentes opiniões em algumas questões, fazendo que cada uma reflita sobre suas atitudes pedagógicas.

Uma sugestão para o 2do semestre, seria que, nós professoras, trouxéssemos alguns temas e ou atividades concretas que pudéssemos compartilhar para realidade mais próxima (do dia-a-dia). Ex: algo que aconteceu durante a semana, a professora pesquisar sobre o assunto e trazê-lo.[...]

Zezé

As discussões em nossos horários de HTPC foram bem proveitosas [...]. Também a prática da leitura e discussões de textos, precisa ser mantida,

enriquecendo nossos conhecimentos sobre aprendizagem, tornando nosso trabalho menos árduo.

Maria

A vivência de partilha em espaço de estudo, foi e está sendo gratificante e muito rica para minha experiência. [...] Dúvidas relevantes foram esclarecidas e caminhos estamos buscando.

Arlete

Os encontros foram satisfatórios, as discussões foram importantes para nos levar a refletir e analisar a nossa prática pedagógica, sanar dúvidas de acordo com conflitos em sala de aula, a não reprovação referente à progressão continuada. Os textos lidos, as discussões nos levam a refletir o nosso comprometimento com o ensino. [...]

Rosana

Os encontros foram interessantes, pois discutimos questões relevantes e que nos causam dúvidas e inquietações como a reprovação, planejamento e políticas públicas implantadas sem a aceitação de professores. Acredito que esses momentos de discussões favoreceram a troca de ideias entre o grupo contribuindo com a formação dos professores. Acho ótima a leitura de textos e gostaria que essa prática fosse mantida nos próximos encontros, pois é mais uma forma de nos mantermos atualizadas.

Telma

Os encontros que vem sendo realizados nos HTPCs, juntamente com a Laura, direção, coordenação e professores vem propiciando momentos de reflexão. Estão sendo significativas e interessantes as discussões, pensar na nossa realidade e ir a busca de novos caminhos como é o caso de traçar metas (conteúdos para cada ano). Através dos assuntos propostos sempre nos leva a refletir sobre a nossa sala de aula, a fazer um paralelo com a teoria e propor reajustes em nossas ações. Acredito que o trabalho coletivo enriquece muito, pois favorece a trocas, o diálogo, a busca e a construção de novos conhecimentos.

Bét

É sempre bom fazer leituras e discuti-las, esses momentos foram enriquecedores. Também foi bom o espaço que tivemos para conversarmos sobre os conteúdos e sua distribuição nas séries/anos, tomara que possamos concluir esse trabalho. O trabalho em grupo é enriquecedor. O fato de termos compromissos com leituras e prazo para fazê-las também foi importante, pois às vezes, na correria do dia-a-dia, não o fazemos como deveríamos.

Andiara

Com os encontros em HTPCs, para trocas de relatos, experiências, construção de um Currículo e aquisição de novas leituras, foi possível através das palavras de todos, que o grupo se tornasse mais unido e comprometido com a Educação. A dinâmica da Profa. Laura está nos proporcionando momento de reflexão e com esses momentos podemos repensar nossa prática e assim podemos melhorar nosso trabalho dentro e fora da sala de aula. Acredito que quando há o envolvimento de todos no processo educacional também apresentará melhores resultados, e a partir desses encontros nos

HTPCs, todos estão se envolvendo mais, se interessando pelo bem comum que é o aluno.

Laura (coordenadora do projeto)

Eu tivesse gostado que os encontros tivessem mais frequência.

Penso que seria interessante trazer mais as experiências na sala de aula porque quando isso aconteceu, a participação das professoras foi maior. Gostaria de saber se as professoras acham ou consideram esse espaço como próprio ou “imposto”. [...] Agradeço pelo espaço a todas! Aguardo sugestões.

A maioria das falas apontam a importância desse espaço pelas implicações para: refletir sobre a própria prática, pelas leituras, pelas opiniões diferentes, como aspecto formativo, pela definição de conteúdos, pela busca conjunta de ações, para pensar no contexto político...

A partir das considerações de algumas das professoras acerca da necessidade de socializar o trabalho pedagógico das colegas, é que no HTPC foram apresentadas duas experiências: o trabalho desenvolvido pelas três professoras do período da tarde envolvendo um trabalho conjunto sobre a temática ambiental e o trabalho desenvolvido por uma professora, do período da manhã que, após muitas tentativas com diferentes estratégias, conseguiu que os seus alunos “encontrassem um sentido e um lugar na escola”.

Mas, dentre todas essas escritas, apareceu uma voz diferenciada, inquieta, provocativa... Foi a escrita da professora Camila, sua escrita me causou estranhamento...

Para falar em estranhamento reporto-me a Ginzburg (2001) quem nos diz: “compreender menos, ser ingênuos, espantar-se, são reações que podem nos levar a enxergar mais, a aprender algo mais profundo, mais próximo da natureza (2001, p. 29). O mesmo autor acrescenta: “parece-me que o estranhamento é um antídoto eficaz contra um risco a que todos nós estamos expostos: o de banalizar a realidade (inclusive nós mesmos)” (GINZBURG, 2001, p. 41).

Gentili (2001), desde outra perspectiva, também aponta a pensar no estranhamento:

Qual é o papel das instituições escolares na formação de um olhar que nos ajude, por exemplo, a compreender ou a desconsiderar os processos que operam quando a exclusão se normaliza, quando se torna cotidiana, perdendo o poder de produzir espanto? (p. 42).

Penso que na busca por “não banalizar”, por “não normalizar”, por “não naturalizar” os acontecimentos e escritas elaboradas pelas professoras acerca do cotidiano escolar, é que a potência da escrita da professora Camila

“me provocou”. Ela não apontou o que esses encontros, junto com colegas e pesquisadora, estava suscitando nela... Ela desvela que a organização do trabalho pedagógico coletivo na escola é complexo e afirma que para que essa formação, de fato, possa acontecer, é preciso o reconhecimento do *outro*:

Camila

“O que fazem os professores quando estão juntos?” Esta frase marcou, para mim, o início do trabalho com a profa. Laura, nos encontros do HTPC. Ela me fez pensar, repensar, e não chegar a nenhuma conclusão que a respondesse. Ou quase.

Penso que fazemos pouco, muito pouco, juntos.

*A rotina, as “paradas” para recados e questões burocráticas nos tomam tempo demais. Ficam “de lado” as “questões pedagógicas”, as conversas sobre as práticas, as trocas de experiências, enfim, **falta espaço para o outro.***

*A presença de Laura nos cobra essa falta. Nos exige algo - o que deveria acontecer sempre parece acontecer (ainda que de maneira insuficiente) **por exigência externa.***

*Quem sabe, futuramente, possamos tomar para o grupo esse **desejo do outro, de descobrir e trocar com o outro.** Penso que ainda, não conseguimos. Um desafio para a Profa. Laura!*

Agradeço por sua presença tão marcante, pela companhia, pela entrega, mesmo, ao grupo. Pela disponibilidade.

*Poderíamos nos encontrar mais vezes, **mas talvez nos tornássemos dependentes demais...***

Beijos, Camila (grifos meus).

Muitas são as questões apontadas por Camila, mas neste texto problematizo três questões. Uma primeira questão é a necessidade de legitimar um tempo precioso, “o tempo do encontro”, o tempo de estar com o *outro*... Outra questão é o “o tempo para falar”, o diálogo na escola. Uma outra questão que gostaria de apontar, a partir das falas da professora Camila, é qual o desafio posto para os pesquisadores que entramos na escola para, junto com os professores, pesquisar. Qual o nosso compromisso? Talvez o nosso compromisso seja a busca pela autonomia profissional coletiva dos professores (DAVINI, 2001). São essas questões que pretendo discutir neste trabalho.

Na escola: “tempo para o encontro”

Neste ponto, e a partir da ideia do “tempo para o encontro”, considerado pela professora Camila, é que gostaria de sinalizar e dar visibilidade à questão da alteridade e do diálogo (BAKHTIN, 2003) como aspectos fundantes de nossa formação. Nesse sentido, afirmo a importância do *outro* para a nossa

constituição ao pensar que esse *outro* é alguém que nos mobiliza, é alguém que faz com que entremos em um processo de formação.

Segundo Geraldi (2003),

Sem dúvida alguma, o pensamento bakhtiniano alicerça-se em dois pilares: a alteridade, pressupondo-se o Outro como existente reconhecido pelo “eu” como Outro que não-eu e a dialogia, pela qual se qualifica a relação essencial entre o eu e o Outro. Evidentemente, assumir a relação dialógica como essencial na constituição dos seres humanos não significa imaginá-la sempre harmoniosa, consensual e desprovida de conflitos (p. 42).

Alteridade que implica o encontro com o *outro*. Diálogo que implica entrar na corrente da comunicação possibilitando a construção de sentidos outros.

Penso no *outro*, o colega da escola, como provocador do retorno sobre nós mesmos... Penso a “formação como uma relação de provoca-ção para com o outro” (CHALUH, 2008, p. 197).

O *outro* me interpela, o *outro* me faz entrar em um processo de reflexão, é o *outro* que me faz entrar em um processo para voltar para mim mesmo (LARROSA, 2004).

O *outro* tem a possibilidade de me provocar por estar em um lugar privilegiado, por estar nesse lugar exterior do qual consegue enxergar coisas a meu respeito que eu mesma não consigo enxergar (AMORIM, 2003. GERALDI, 2003).

Como considerado por Geraldi (2003) “estamos expostos e quem nos vê, nos vê com o ‘fundo’ da paisagem em que estamos. A visão do outro nos vê como um todo com um fundo que não dominamos” (p. 43).

A concepção de formação explicitada por Chaluh (2008) foi desenvolvida a partir do diálogo estabelecido com Bakhtin (1993) e Larrosa (2006). Segundo esses autores, o retorno sobre nós mesmos supõe uma mudança no sujeito que ativamente assume um lugar exterior para contemplar o *outro*, ou o acontecimento. Ambos autores apontam que após a contemplação entramos em um outro processo que nos possibilita uma mudança, seja porque o sujeito sai dessa relação “enriquecido, isto é, ele não permanece igual a ele mesmo” (BAKHTIN, 1993, p. 16), ou porque o sujeito, a partir de sua experiência se formou ou se transformou (LARROSA, 2006). São essas questões me fizeram refletir acerca da potencialidade de pensarmos na formação como uma relação de provoca-ção (CHALUH, 2008).

A questão de pensar na importância do encontro e do *outro*, no processo formativo, implica refletir acerca da impossibilidade de agir em forma solitária

dentro da escola. Como considerado por Freire (1973) “esta búsqueda del ser más, no puede realizarse, en el aislamiento, en el individualismo, sino en la comunión, en la solidaridad de los que existen” (p. 98). E com Freire aparece necessariamente a dimensão do diálogo:

La existencia, en tanto humana, no puede ser muda, silenciosa, ni tampoco nutrirse de falsas palabras sino de palabras verdadera con las cuales los hombres transforman el mundo. Existir, humanamente, es “pronunciar” el mundo, es transformarlo. El mundo *pronunciado*, a su vez, retorna problematizado a los sujetos *pronunciantes*, exigiendo de ellos un nuevo *pronunciamiento* (1973, p. 104).

Nesse sentido, a provoca-ação da professora Camila, ao apontar a necessidade do “tempo para o encontro na escola”, explicita a necessidade do reconhecimento e da presença do *outro* como aspecto fundante para que qualquer processo de formação, de fato, possa acontecer.

Na escola: “tempo para falar”

No mês de setembro de 2010, e a partir da socialização das experiências das professoras no espaço do HTPC, solicitei outra escrita que deixasse em evidencia o que a socialização das práticas e/ou relatos das professoras/colegas estavam contribuindo para a formação. As vozes das professoras:

Maria Amélia. Partindo do pressuposto de que a escola só funciona no “coletivo” e não no “individualismo” as parcerias são importantes; seja através dos relatos, nas trocas de atividades entre os professores e ou funcionários e na vontade de se aperfeiçoar e enriquecer sua “práxis” educativa, visando sempre o melhor ensino para os alunos (ensino de qualidade), pois estes são realmente o núcleo da escola.

Rosana. Gosto de ouvir os relatos de minhas colegas de trabalho, pois possibilita conhecer práticas diferentes que enriquecerão meu trabalho. Sinto também vontade de compartilhar minhas atividades, dessa forma elas poderão utiliza-las e até mesmo modifica-las, tornando-as adequadas a sua classe. Acredito que essas trocas propiciam mais criatividade aos professores, refletindo na dinâmica do trabalho!

Bét. Provoca a possibilidade de aprender / reaprender. Estimula a criatividade. Gera a mudança de enfoque / entendimento de algumas questões. Amplia o leque de opções / possibilidades para o trabalho em sala de aula.

Maria. O sentimento ao conhecer a prática das minhas colegas, dependendo, pode gerar admiração ou não. Mesmo em ambos os casos o aprendizado acontece. Pois ao perceber que a prática não está surtindo ao efeito desejado, eu já tenho subsídios importantes para não aplicar ou adequar

melhor o método ou estratégia. Já quando tomo conhecimento de uma prática com métodos ou estratégias que trouxe ótimos resultados, que o olhar do colega foi mais aprofundado que os demais, busco compartilhar com ela todo esse processo positivo e claro, aplicar com meus alunos ou adequá-lo.

Telma. Quando escuto o relato de experiência de outra professora fico imaginando através da sua fala como a atividade aconteceu, a participação das crianças, os desafios, a busca de soluções e o trabalho em si. A fala e o olhar nos transportam para um mundo de imaginação com sentimentos e ao mesmo tempo para a nossa vivência em sala de aula. Sempre aprendemos com a troca de experiências, adequando, reajustando a nossa realidade e particularidades da faixa etária. Bons modelos de referência são importantes sempre em nossa vida profissional e pessoal, sempre enriquecem. [...]

Francisca. [...] Ao ouvir os diversos relatos, nós professoras podemos nos ajudar a entender as mais diferentes situações que ocorrem em nosso dia-a-dia. Uma vai auxiliando a outra, a entender, resolver e mudar algumas coisas que nos afligem. Em outros momentos compartilhamos ótimas histórias, dando oportunidades assim, para que, essas histórias se repitam, produzindo bons frutos.

*Camila. Por algum tempo não tive nada a dizer sobre o assunto proposto, penso que porque não conheço, na verdade, as práticas dos professores. Mas talvez tenha alguns pontos para dizer sobre o que **a fala** dos outros professores me provocam. [...] Enfim, penso que o campo da linguagem, na escola - **onde muito pouco se fala** - é perigoso. Por ser perigoso, talvez valha a pena... (grifos meus)*

Mas uma vez, a professora Camila, traz algumas considerações que me inquietaram... Ela escolhe para discutir em que medida a escola é um espaço de fala, ao afirmar que a escola é um lugar “onde muito pouco se fala”.

Quais os riscos de falar na escola? Por que não se fala na escola? Como mudar essa ideologia do silêncio na escola.

Kramer (2003) ao discutir as modalidades de formação continuada de professores, afirma que “nos treinamentos ou reciclagens há apenas um sujeito que fala (ou cita), que desconhece a existência da réplica interior, da contrapalavra de seus interlocutores, e não permite – ou quando muito, orienta e dirige – seus comentários efetivos” (p. 85). Nesse sentido, desconsidera-se que os sujeitos professores têm o que falar acerca de educação e da escola.

A mesma autora enfatiza que “nos cursos de formação de professores, a linguagem é pedaço trapo de discurso pré-fabricado, eco...” (p. 86). Kramer (2003) considera que

O professor não se vê como falante, apenas como mensageiro, tal como nós que trabalhamos com professores nos tornamos muitas vezes apenas mensageiros de conteúdos vazios, sempre que nossa linguagem, fala de algo que não está vivo na prática (p. 188).

Como já apontado, na escola existe um espaço de formação legitimado, o HTPC. Quais as dificuldades para se expressar, falar?

Talvez a questão passe por denunciar os mecanismos que a(s) escola(s) impõe(m) para que a fala das professoras seja “podada”. De que forma (sutil?) as relações de poder e a hierarquias (im)postas no cotidiano escolar regulam a vida, o diálogo e o encontro de professores. Como inverter esse jogo? Como inventar o novo jogo? Um jogo no qual o diálogo (FREIRE, 1973) seja considerado como “el encuentro que solidariza a reflexión y la acción de sus sujetos encauzados hacia el mundo que debe ser transformado y humanizado (FREIRE, 1973, p. 105). Ou pensar no diálogo “como encuentro de los hombres para la tarea común de saber y actuar” (p. 107).

Talvez, seja preciso retomar as considerações da professora Camila, já que elas indiciam possíveis causas dessa falta de diálogo: “a rotina, as ‘paradas’ para recados e questões burocráticas nos tomam tempo demais. Ficam ‘de lado’ as ‘questões pedagógicas’, as conversas sobre as práticas, as trocas de experiências, enfim, falta espaço para o outro”.

Talvez, professoras e a equipe de gestão, precisem abordar abertamente as questões “burocráticas” que barram a possibilidade do encontro e do diálogo, e que impossibilitam pensar em forma conjunta sobre a construção coletiva da escola. Mas uma vez, remeto-me a Freire (1973) quem aponta que

si el diálogo es el encuentro de los hombres para ser más, éste no puede realizarse en la desesperanza. Si los sujetos del diálogo nada esperan de su quehacer, ya no puede haber diálogo. Su encuentro allí, es vacío y estéril. Es burocrático y fastidioso (p. 110).

Uma tarefa para a equipe de gestão das escolas e para o âmbito da formação inicial de professores: o exercício da palavra e do estabelecimento de relações amorosas que possibilitem pensar coletivamente na educação.

Apontamentos. Na escola: qual o tempo da colaboração externa?

Geraldi (1997), a partir de sua experiência com um grupo de professores em exercício, apontou algumas limitações e cuidados quando queremos, como pesquisadores e professores da universidade, colaborar com os processos formativos de grupos de professores. Aponto algumas de suas considerações já que elas são fundamentais para ressignificar o sentido de nossa presença nas escolas, ou em espaços formativos com professores.

Segundo Geraldi (1997): “que os *grupos*, ao mesmo tempo que *não podem ficar ao léu, não podem ser dirigidos por alguém que se erige como juiz* para dizer: isto está dentro da proposta; isso está fora” (p. XXVI).

Uma outra questão fundamental e que diz da dificuldade de os pesquisadores e/ou formadores de professores sermos cuidados é a questão de o que fazer com esses profissionais? O que nos encontramos com eles estamos promovendo efetivamente? Segundo Geraldi (1997) “tudo isso seria inútil se os professores não conquistassem uma *autonomia*, que não tem um ponto final, mas que se vai construindo cotidianamente (p. XXVI)

Acredito que algumas das falas da professora Camila, aparecem como indícios para pensar tanto na possibilidade como no risco da entrada dos pesquisadores na escola. Uma possibilidade de um “olhar externo” que mostre algumas limitações na escola e possa pensar, junto com os profissionais, algumas saídas. Por outro lado, aparece como risco, na fala da professora Camila, que os professores se tornem “dependentes demais...”, essa dependência, da qual já Geraldi (1997), anunciou. Dependência que se constrói quando os pesquisadores abrem mão da promoção e do exercício da autonomia dos professores

Antes de iniciar a pesquisa na referida escola, tive outra experiência como pesquisadora no contexto escolar. Nessa oportunidade senti algumas tensões provocadas por essa perspectiva de “fazer pesquisa *na e com a escola*”, isto implicou:

Aprender a *viver* com a incerteza, não saber qual o limite, até onde ir, onde parar. Saber o momento oportuno para... Essa foi uma grande tensão vivida por mim e que mostra ser difícil saber até onde intervir, até onde podemos colaborar, sem que nós, pesquisadores, determinemos, de forma autoritária, os caminhos da pesquisa/formação com as professoras. Acredito que temos que intervir e podemos intervir, mas sabendo dessas tensões, a tensão de ter aprendido que “o buraco” da pesquisadora é saber qual é o seu limite. Fala-se em tensão, porque, como pesquisadoras, podemos dialogar, problematizar, inquietar, mas nunca está claro até onde podemos caminhar (CHALUH, 2008, p. 262-263).

Talvez seja necessário, também para todos aqueles que pretendemos entrar na escola, para nela pesquisar junto com os professores, construir um “olhar que enxergue” que esses *outros*, os professores, tem muito a nos ensinar:

Me dijeron tantas veces, me dijeron siempre: “esos gitanos son todos mentirosos, ladrones, machistas y fabuladores”. Me dijeron: “esos sordos tienen problemas de comunicación, son inmaduros intelectual y emocionalmente y, además, agresivos”. Me dijeron: “esos africanos son

primitivos, perturbados y exóticos”. Me dijeron: “esos niños son revoltosos, engreídos, irresponsables y violentos”. Me dijeron: “esos indios son desconfiados”. Me dijeron: “esos adultos no aprenden nunca”. (Y a este breve texto podríamos llamarlo: **Sobre la inutilidad y la impropriedad de los adjetivos en la alteridad**) (SKLIAR, 2006, p.8).

Referências bibliográficas

AMORIM, Marília. A contribuição de Mikhail Bakhtin: a tripla articulação ética, estética e epistemológica. In: FREITAS, Maria Teresa; JOBIM e SOUZA, Solange; KRAMER, Sônia (Orgs.). **Ciências humanas e pesquisa: leitura de Mikhail Bakhtin**. São Paulo: Cortez, 2003. p. 11-25.

_____. **O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas**. São Paulo: Musa Editora, 2004.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. **Para uma filosofia do ato**. Tradução de Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza, para uso didático e acadêmico, de *Toward a Philosophy of the Act* (Austin: University of Texas Press, 1993) (original de 1926).

CHALUH, Laura Noemi. **Formação e alteridade: pesquisa na e com a escola**. 2008, 290 f. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 2008.

DAVINI, María Cristina. **La formación docente en cuestión: política y pedagogía**. Buenos Aires: Ed. Paidós, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogía del oprimido**. Tradução de Jorge Mellado. 7. ed. Buenos Aires: Siglo Veintinuno Argentina Editores, 1973.

FREITAS, Maria Teresa. A perspectiva sócio-histórica: uma visão humana da construção do conhecimento. In: FREITAS, Maria Teresa; JOBIM e SOUZA, Solange; KRAMER, Sonia. (Orgs.). **Ciências humanas e pesquisa: leitura de Mikhail Bakhtin**. São Paulo: Cortez, 2003 p. 26-38. (Coleção questões da nossa época; v. 107).

GERALDI, João Wanderley. A diferença identifica. A desigualdade deforma. Percursos bakhtinianos de construção ética e estética. In: FREITAS, Maria Teresa, JOBIM e SOUZA, Solange, KRAMER, Sônia. (Org.). **Ciências humanas e pesquisa: Leituras de Mikhail Bakhtin**. São Paulo, Cortez, 2003b. p.39-56.

_____. **Portos de passagem**. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

GENTILI, Pablo. A exclusão e a escola: o *apartheid* educacional como política de ocultação. In: GENTILI, Pablo; ALENCAR, Chico, **Educar na esperança em tempos de desencanto**. 2 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2002

GINZBURG, Carlo. Sinais. Raízes de um paradigma indiciário. In: **Mitos, emblemas, sinais**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p 143-179.

_____. **Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distancia.** São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

KRAMER, Sonia. **Por entre as pedras: arma e sonho na escola.** 3. ed. São Paulo: Editora Ática, 2003.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. In: GERALDI, Corinta Maria Grisolia; RIOLFI, Claudia Rosa; GARCIA, Maria de Fátima (Orgs.). **Escola Viva: elementos para a construção de uma educação de qualidade social.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004. p. 113-132.

_____. **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas.** Tradução Alfredo Veiga-Neto. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SKLIAR, Carlos. **Fragmentos de Alteridad y Educación. Fragmentos IV.** [Buenos Aires: FLACSO, 2006]. Disponível em:

<<http://virtual.flacso.org.ar/mod/book/view.php?id=3914&chapterid=5201>>.

Acesso em: 08 agos. 2006.

ⁱ Profa. Dra. do Departamento de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação do Instituto de Biociências da UNESP – Univ Estadual Paulista (Rio Claro).

ⁱⁱ Agradeço às professoras terem-me permitido socializar as suas falas.